

do procurou a partitura, para fazer um estudo comparativo entre *A Noite do Castelo* e *Joaquim de Flandres*. Não a encontrou, mas foi informado de que um diplomata italiano residente no Peru oferecera a obra ao governo brasileiro. Consultou o Itamaraty, mas soube apenas que a doação nunca se concretizara.

Outras versões

Pesquisas como essa, e muito outras, agora se tornarão possíveis. “Enfim, poderemos preparar uma edição completa que tornará possível saber com certeza como é realmente a ópera, tal como Carlos Gomes a idealizou”, diz a professora Toni. Essa edição, que será preparada em dois anos, será o retrato definitivo de *A Noite do Castelo*, incluindo as revisões feitas pelo maestro. “Não será apenas uma edição genética, ou seja, apenas do processo criativo original, mas obtida a partir do cotejamento dos manuscritos com outras versões existentes da obra, como a redução para canto e piano e a redução para piano solo, essa última, ao que tudo indica, não revisada por Gomes”, acrescenta.

Uma outra cópia, existente em Campinas, cuja origem é desconhecida pelos pesquisadores, serviu como base para a montagem

da ópera feita em 1978 com a Orquestra Sinfônica de Campinas, regida por Benito Juarez. Essa versão é a que existe em versão em CD, incluída na íntegra das óperas de Carlos Gomes editada em 1997 pelo selo Master Class, de São Paulo. O maestro Juarez, inclusive, num primeiro exame, já encontrou divergências entre a partitura original e a cópia que usou em 1978.

“Essa obra é um arauto de novos tempos, pois, a partir do trabalho de uma comissão técnica, que ainda está sendo organizada, sobre esse manuscrito, será possível investir no futuro, incentivando alunos de pós-graduação a se dedicarem ao estudo e preparação de novas edições críticas, das quais nosso país tanto carece”, diz o professor Martins. “Uma ópera chamada Noite pode, curiosamente, ser um Sol que mostra um novo caminho a ser trilhado dentro da universidade brasileira.”

Nacionalismo rítmico

Enquanto isso, novas respostas já estão sendo procuradas, como se as críticas da época foram justas com relação aos valores de então e até onde, realmente, ia a brasilidade da música de Gomes, quando ainda estava preso às raízes e não entrara no mercado eu-

ropeu, cujo gosto seria forçado a levar em conta. “Nesse ponto, não concordo com a crítica estética de Mário de Andrade, que condicionava o nacionalismo a questões rítmicas e, assim, não o via plenamente na obra de Carlos Gomes”, diz o professor Martins. “Acredito que esse nacionalismo está em cada um de nós, transparecendo de alguma forma”, acrescenta.

Na opinião de Martins, em *A Noite do Castelo* “há um frescor, apesar do italianismo dominante, e procedimentos que denotam sua brasilidade”. A professora Toni vai um pouco além. “A composição dessa ópera está em perfeita consonância com os moldes italianos da época, mas é perceptível, no prelúdio e nos primeiros compassos de muitas áreas, um certo ar *modinheiro*, das melodias que Gomes fazia naquele tempo e que traem o sabor melódico do cancionário luso-italo-brasileiro.”

No mais, as marcas do trabalho de Gomes estão em todo lugar. Como fez em outras obras, nas rubricas de ação, o compositor deixava de lado as indicações de cena, mas não se esquecia de anotar as emoções que deveriam ser mostradas por personagens. Para Leonor, muitas vezes, reservou a expressão: “amorosamente”.

Um recital bem brasileiro



O professor e pianista José Eduardo Martins, responsável pela aquisição da partitura

Dia 4 de maio de 1999, 18 horas. Esse dia ficará marcado na história do Instituto de Estudos Brasileiros. Em seu amplo saguão de entrada, onde foi instalado um piano Steinway de meia-cauda, o Prof. José Eduardo Martins apresentou um pequeno recital para comemorar a chegada da partitura de Carlos Gomes. O repertório foi selecionado com a sensibilidade do pianista que, em sua carreira, transita com facilidade pelas páginas de compositores de todas as épocas. Mas, para aquela tarde, escolheu só obras brasileiras, curtas, de grande efeito sonoro e importância musical.

De Carlos Gomes, o Prelúdio de *A Noite do Cas-*

telo na redução para piano do próprio Gomes. Sim, pois devido ao grande sucesso alcançado pela ópera quando de sua estréia, em 1861, Rafael Coelho Machado angariou o apoio de alguns entusiastas e naquele mesmo ano editou a partitura revisada pelo compositor. E a audição do trecho — originalmente para orquestra — por José Eduardo foi o momento mais esperado, pois atestou a todos a importância do manuscrito recém-chegado. De fato, neste Prelúdio, vigoroso como os das óperas de Bellini, Donizetti, Verdi e tantos outros que vieram após Rossini, já se entrevê a ambientação italiana onde bailam melodias

brasileiras do músico campineiro. Com o *Estudo* de 1897, de Henrique Oswald, composto em Florença, o pianista deu aos ouvintes a oportunidade de permanecer mais um pouco em domínios italianos. Ventos propriamente nacionais sopraram quando passamos para o século XX: Villa-Lobos, Gilberto Mendes e um extra! Do maestro carioca, *Alma Brasileira*, vale dizer, o *Choro nº 5*, composto em 1926, obra extremamente bem construída e por isso mesmo das mais executadas. Estados de ânimo opostos, emblemáticos de nossa música popular, como as serestas ou os ritmos alucinantes das macumbas, foram tratados com maestria, tanto na composição quanto por José Eduardo. A audição de *Viva-Villa*, de Gilberto Mendes, introduziu o jogo, a “blague”, com esta obra composta em 1987 comemorando o centenário da morte de Villa-Lobos. Nela, Gilberto adotou uma forma arrojada, minimalista, para dialogar com o passado, introduzindo os ritmos binários pesquisados na obra do autor das *Bachianas*; conclui em compasso de bossa-nova, única esfera da música popular brasileira que Villa não usou porque morreu em 1959.

No “extra”, uma dupla homenagem: de Camargo Guarnieri, Martins tocou a *Dança Negra*, composta em 1946, dedicada a Lídia Simões, já falecida, grande intérprete do compositor paulista. Curioso, pois, na escolha de José Eduardo, ele homenageou não apenas o autor, artista que desenvolveu parte de sua vida criadora junto à Universidade de São Paulo, como também Cinthia Priolli, outra grande intérprete da obra de Guarnieri, aluna da Pós-Graduação do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes, recém-falecida.

Entre homenagens e boa música, um fim de tarde brasileiro para receber *A Noite do Castelo*.

Flávia Toni